

O RETEXTO: UM DOS PROCESSOS DE FORMAR E DE MOSTRAR A FACE DE UM GÊNERO TEXTUAL NA SALA DE AULA

Sônia Maria Cândido da Silva¹

Introdução

Esta pesquisa volta-se para o estudo do texto numa perspectiva sociointeracionista discursiva, cuja proposta é a de que se veja a língua como fenômeno sociocultural. O uso desta língua assume o lugar central no ensino, não como instrumento de transmissão ou de informação, mas de uso adequado a uma dada situação.

Nesse contexto, trataremos de analisar o processo de retextualização, concebido como a passagem de um gênero textual – um artigo científico (o texto-base) para um outro gênero – o resumo (o texto-alvo), não como um processo mecânico, automatizado, mas como uma operação complexa que envolva a lingüística-textual-discursiva e a cognição.

No que diz respeito à fundamentação teórica, partiremos dos estudos apresentados por Marcuschi (2001) para discutir o processo de retextualização, entre outros que estejam dentro dessa abordagem. Com inspiração nas contribuições de Bakhtin (1997), mostraremos a face do gênero textual.

A retextualização é um processo de relevância no uso do ensino-aprendizagem da língua, uma vez que revela a percepção, a estrutura e as formas de comunicação nas modalidades da língua; a função comunicativa, cognitiva e institucional. Esse processo considera relevante a observação das peculiaridades lingüísticas, tipológicas, composicionais, estilísticas e propositais.

O processo retextualização, enquanto passagem de um gênero textual para outro gênero textual da escrita, implica numa relação contínua sociointerativa, envolve operações complexas que interferem no código (forma/registo) e no sentido. Esse segmento contínuo evidencia rotinas usuais como: resumo, resenha, artigos, ensaios, outros gêneros que materializem e conduzam algum conteúdo para outra esfera discursiva. Nessa perspectiva, Marcuschi (2001) acredita que o que está em jogo nesse processo é a passagem como atividade sociocomunicativa, trata-se de interferências mais ou menos acentuadas que vão constar no texto-alvo. Conforme o autor, tais interferências dependerão do que se tem em vista.

Diante do exposto, é relevante ressaltar que tal exercício não se dá apenas no nível escolar, observa-se, no uso cotidiano, por exemplo, quando nos deparamos uma vez ou outra recontando e/ou relendo fatos comuns para nossos colegas. É mister atentar para que o que está no jogo desse método, é o dizer de outro modo, o dizer em outro gênero textual. Acerca deste aspecto, é preciso esclarecer que, nessa transformação textual, ocorre a atividade cognitiva – a compreensão. Esta, por sua vez, envolve recontextualização, reconstrução e recriação, requer que o texto-alvo seja fiel a tudo que

¹ Profª. Ms. UFPB/IESP

deve ser dito em relação ao texto-base, que se faça uma equivalência do essencial entre o dito e o consignado.

O Processo de Retextualização na Sala de Aula: um contínuo nos gêneros

Normalmente, o processo de retextualização é visto pela escola como algo mecânico, mediante a regras. No caso, aqui, temos o resumo, que se dá por um roteiro ou se apresenta como um método, um modelo que consta nos manuais autorizados – seja pela esfera da metodologia científica, discursiva ou textual. Desta forma, tem-se uma rotina automatizada, cujos princípios são apenas recursos gramaticais.

Em Marcuschi (2003), vemos o gênero textual – resumo – como uma produção bem praticada no dia-a-dia, mesmo que não esteja conforme as características devidas da atividade no cotidiano por ser o resumo uma seleção de elementos textuais a depender de certo interesse. Mesmo assim, podemos observar que se pode “fazer resumos bem diferentes do mesmo texto-base”, cujo resultado é diversificado e varia de pessoa para pessoa. Tudo isto, porque cada um dos retextualizadores pode julgar de maneira diversa o que é essencial.

Quanto ao aspecto teórico, os estudos revelam que os gêneros discursivos contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia, trata-se de entidades sociodiscursivas e de formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. A este respeito, Bakhtin (1997) mostra-nos que “a riqueza e a variedade virtual da atividade humana é inesgotável”, ou seja, a cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai se diferenciando e se ampliando à medida em que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.

Quanto ao processo de passagem de um gênero a outro gênero, os pressupostos de Bakhtin já nos mostram que esse contínuo – quando da formação de um gênero secundário – estabelece-se a partir da absorção, da transmutação dos gêneros primários simples, ou seja, partem deste gênero simples para chegar a todas as espécies que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal. O autor nos diz que estes gêneros transformam-se e adquirem uma característica particular ao se tornarem componentes, matéria dos gêneros secundários, dentro dos quais acontecem todos estes fenômenos.

Dentro desta perspectiva, é que queremos refletir a passagem – produção e compreensão de texto – de um artigo científico para um resumo, uma vez que, nesta interação é que se tem o essencial para a sala de aula. A passagem é importante por acarretar um estudo de um gênero textual estabilizado de produção de sentido e por acarretar operações relativamente complexas ao nível lingüístico-discursivo-textual.

O procedimento de coleta do *corpus* partiu de uma estratégia de ensino, que adotou os seguintes critérios: a) chegar a um resumo escrito, no qual possa ser compreendido a essência do texto-base. Para tanto, deu-se um artigo: “A profissão contábil diante da Lei de Responsabilidade Fiscal”, juntamente com o texto metodológico de caráter didático – “Resumo” de Platão et Fiorin (1994) para que se estabelecesse o modelo específico, o qual este gênero textual rege; b) quanto ao texto-base – o artigo – refere-se a um gênero bem elaborado, até pelo cuidado de vir a ser publicado; c) já quanto ao processo “retexto”, as preocupações – em relação ao retextualizador – formam-

se com a atividade de passagem, de transformação e de realização, que denominamos a retextualização, como também com a formação do novo gênero. Neste processo, é dada uma certa relevância ao jogo do dizer do outro modo, ao jogo do novo dizer na mesma modalidade da língua, e ao jogo do novo dizer nesse outro gênero. Ainda é preciso esclarecer que, nesse jogo do novo dizer, recupera-se também o dito de então ou o que se quis dizer naquele gênero-base.

Nesse processo “retextualização”, analisamos a presença de sucessivas reformulações do mesmo texto, como: o registro, o gênero textual, o nível lingüístico e o estilo.

No que diz respeito ao envolvimento de registro, tem-se uma tarefa de escrita que objetiva codificar a totalidade, partindo de alguns pilares do princípio redutor: clareza, simplicidade, objetividade e concisão.

Em relação ao gênero textual, vê-se, na mudança do “Modelo Global” de transmissão para outro modelo, que há um processo de adaptação do conteúdo. Neste segmento, não ocorre paráfrase, ou tradução; mas uma prática discursiva que tem como propósito organizar um gênero textual que dê continuidade ao conteúdo, tudo isto sem mudá-lo, sem atingir o valor verdade que está no texto-base.

No Âmbito lingüístico, percebe-se o processo envolvendo operações complexas que apresentam interferências do tipo: a) perdas, mudanças, ganhos; b) estratégias de regularização lingüística – norma padrão, operações que afetam as estruturas discursivas – léxico, ordenação tópica, argumentatividade; operações cogitativas – reinterpretação –; e operações textuais – estrutura, recontextualização e reconstrução.

O estilo apresenta-se nas formas particulares de seqüências, de reformulação do conteúdo; no vocabulário do transformador do texto; nas substituições que envolvem a seleção de novas estruturas sintáticas; e nas novas opções lexicais. Essa operação, como um todo, visa ao conhecimento formal de reproduzir o novo gênero textual alvo.

É mister ressaltar que o processo de compreensão dá-se mediante ao propósito, ou ao objetivo da retextualização. Trata-se de uma atividade consciente, até porque o retextualizador precisa seguir algumas estratégias: eliminações, introduções, substituições e também reordenações. Tal exercício requer atenção a algumas constantes que se encontram nos dois momentos de elaboração tanto do texto-base como do texto-alvo, que são: contexto, propósito, tópico, tempo de planejamento do texto-alvo.

Em relação ao aspecto do planejamento, é relevante destacar o fato da mudança de perspectiva genérica que vai estar no texto-alvo. No nosso estudo, tem-se um artigo do domínio científico retextualizando-se em um resumo técnico escolar.

Marcuschi (2003) destaca um ponto interessante nesse processo de transformação textual, o da decisão interpretativa que ocorre no ato de planejar e de organizar um resumo. Em tal decisão, o retextualizador apronta alguns procedimentos essenciais ao segmento como: a) o apagamento sistemático de redundância, repetições da mesma idéia de elementos gramaticais, fragmentalidade sintática; b) a substituição sistemática de terminologias e vocabulários; c) a transformação interpretativa ao suprimir informações; e d) a redução estratégica ao reordenar cognitivamente as estruturas discursivas do texto-base com novas amarrações argumentativas.

Nessa atividade de transformação, o autor lembra alguns aspectos importantes que envolvem problemas na operação. Ao resumir,

... deve-se preservar uma “equivalência de “consignado”. (...) implica uma interpretação prévia nada desprezível em suas conseqüências. Há nessa atividade uma espécie de *tradução endolíngua* que, como em toda a “tradução” tem uma complexidade muito grande. (MARCUSCHI: 2001, p.70)

Quanto a esse caráter interpretativo do processo de retextualização, vê-se com os estudos apresentados em Marcuschi (2001) quão complexa é essa operação, pois encadeia ainda outras atribuições como a de autoria nos dois gêneros: o da base e o do produto; a da geração de um novo gênero sendo um texto legal na forma como é suscitado. Esta nuance é relevante para a sala de aula, porque nos leva a refletir a máxima do gênero textual, pois *os gêneros são entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa*.

Essas nuances são de grande valia, de forma que o orientador, no uso de suas atribuições, não se esqueça delas e conduza o processo da passagem seguindo os pilares do princípio redutor: clareza, simplicidade e concisão no texto-alvo.

Das Operações de Formulação do Gênero Resumo: a análise

Para refletirmos o processo de retextualização na prática, tomamos por base um dos resumos do *corpus* e o DIAGRAMA 2 apresentado nos estudos de Marcuschi (2001, p.75). A escolha se deu por conduzir uma idealização lingüística da manipulação do texto-alvo em sala, e também por explicitar os aspectos textuais que envolvem a natureza pragmática, que subsidia uma atividade linguagem, desde a idealização para se chegar a um resumo, à reformulação que convém à transformação do artigo (texto-base): *A profissão contábil diante a lei de responsabilidade fiscal*.

É interessante esclarecer que os dados analisados aqui serão apresentados de um modo bem sucinto e simplificado, mediante à riqueza e à complexidade que o processo suscita. As operações talvez não dêem conta de alguns fenômenos, que serão levantados, mas merecem ser vistos. Vejamos os fenômenos.

Na primeira operação, o retextualizador eliminou as marcas do autor tanto na estruturação tópica e global, quanto na estratégia de apresentação ao expor e conteúdo do artigo com oito laudas em apenas uma. A segunda operação diz respeito à pontuação, neste caso, tem-se no resumo uma nova forma narrativa, sintática de expor o conteúdo, uma tentativa de mostrar a prosódia – via pontuação – de quem reformula o texto. Por exemplo, no texto-base temos:

Afirmar que a Lei de responsabilidade fiscal, como ficou conhecida a Lei complementar nº 101, de 04 de maio de 2000, e redenção das finanças públicas não é apenas uma mera expansão de retórica, como alguns pensam. (LIMA; 2001, p.42)

No texto-alvo:

A lei de responsabilidade Fiscal é a redenção das finanças públicas brasileira. Isto porque seus mecanismos são indispensáveis ao equilíbrio dos gastos públicos e o contabilista está inserido nesse contexto uma vez que a sua conduta ilibada é fator...

Numa terceira operação, vê-se que se retirou do todo textual as repetições, as reduplicações por se tratarem de uma estratégia de condensação lingüística. Isto faz parte da ordem do gênero resumo. Numa quarta operação, tem-se uma reordenação de parágrafos. No texto em análise, constam três parágrafos: a) no primeiro, define-se a lei correlacionado-a à função do contabilista; b) no segundo, trata do profissional contábil como elemento ativamente participante; e c) no terceiro, aponta a sociedade perante os usos e abusos da Lei sob a responsabilidade do papel do profissional contábil.

Observe-se que enquanto no texto-base, o tema é apresentado por várias perspectivas – pela visão do contador – autor do texto-base; pelas citações do Conselho Federal de Contabilidade e, ainda, pela demonstração não-verbal ou mesclada do verbal com não-verbal constando de tabelas e gráficos. Nesta quarta operação, pode-se avaliar a redução do jogo do dizer do texto de então e do novo texto.

Ainda seguindo os passos do DIAGRAMA 2, vê-se que, numa quinta operação, tem-se a introdução das marcas metalingüísticas do jogo do novo dizer, através da reorganização do discurso do texto. Esta operação é bastante complexa, pois exige do retextualizador um certo domínio de leitura e compreensão e de escrita. Veja que, neste caso, o aspecto argumentativo predomina, de forma que é preciso que haja compreensão para se poder registrar as informações contidas no texto-base, conforme ordena a regra de formação do texto-alvo o resumo, já que há uma tendência à redução textual no que diz respeito à reordenação global.

A sexta operação rege a natureza morfológica e sintática em função de variação padrão. Esta operação é de relevância para sala de aula, pois é nela que o retextualizador verbaliza com contexto de registro, aprende as regras de lingüística de texto. Ao expor o tema, ele estrutura o discurso, objetivando completude, concordância, ortografia, explicitude. Tudo isto, numa visão coesiva e coerente para fazer a passagem do gênero artigo para o outro – resumo. Estes aspectos textuais pragmáticos devem orientar tanto o ponto externo, quando se faz a coesão e a coerência no momento da passagem, quando o tanto o ponto interno – neste há interligamento, encadeamentos estratégicos do retextualizador.

Veja a estratégia dessa sexta operação no segundo parágrafo do texto-alvo:

O profissional de contabilidade como elemento ativamente participante: o advento da Lei de Responsabilidade Fiscal traz uma nova visão da importância do contador no processo administrativo social para o saneamento das finanças públicas, principalmente no que se refere a gastos e aplicações dos recursos. O contabilista deixa de ser um mero instrumento elaborado de escrituração contábil dos demonstrativos de prestação de contas para se engajar numa nova conduta, assumindo a postura de um novo tempo social onde se torna elemento essencial nos orçamentos e patrimônio público e privado

no âmbito da sociedade. A diferença entre o passado e o presente da importância do contabilista é indetificado entre o Decreto Lei Nº 9.295, de 27/05/1946 (o passado) e a Lei Complementar Nº 101, de 04/05/2000 – Lei de Responsabilidade Fiscal representa a vida do contador em tempos atuais.

A partir dos problemas apresentados no texto–alvo em questão, tem-se neles motivos que devem ser levados a trabalhar em sala. Tais aspectos são: a. paragrafação, conforme linha 4/8; b. regência, conforme linha 4; c. a completude (sintaxe), conforme conta no último período.

A sétima operação diz respeito ao tratamento estilístico. Vê-se que, no texto em análise, as novas opções lexicais do retextualizador estão bem evidentes, principalmente no último parágrafo:

O povo brasileiro tem sido alvo de muito descaso social oriundo do uso desordenados dos recursos públicos por falta de leis consistentes e pelo abuso administrativo, isto colocou por anos no fio o país em situação de decadência social. Necessário se fez a mudança e com a Lei de Responsabilidade Fiscal editada nesse novo milênio traz um certo alento as finanças publicas equacionando seus gastos e valorizando uma profissão que até então não fazia seu papel de fato de resumo de uma balanço patrimonial socialmente exequível.

Atentemos para as expressões: *oriundo do uso desordenados...*; ... *Necessários se fez a mudança e com a Lei de Responsabilidade Fiscal editada ...*, entre outras que nos confirmam a estratégia do retextualizador ao substituir, as formas de dizer do texto-base pelas suas, visando a uma maior formalidade, a partir do conhecimento do mundo.

A oitava operação, refere-se à reordenação tópica do texto, de acordo com a ordem do gênero, a seqüência argumentativa dada pelo retextualizador. Esta estratégia, em nosso caso – o resumo – já foi comentada via outras operações. Em outros gêneros, que suscitam a passagem de uma modalidade de línguas, caberia uma maior discussão, pois este fenômeno refere-se a readaptação do todo operacional. A operação em si requer um alto domínio de escrita, por predominar eliminação, adaptação e reordenação sistemática de informação.

Na nona operação, a estratégia em referencia no processo de retextualização, trata do agrupamento de argumentos condensando as idéias do texto-base. Marcuschi (2001) alerta-nos de que, nesta estratégia, em se tratando da atividade resumir e transformar, é relevante atentar para o fato de que:

No caso do resumo, há uma compreensão textual por trás rumo ao macrotexto em que predominam operações ligadas à seleção de conteúdo, e de condensação. A eliminação de que trata essa nona operação pode atingir um maior ou menor grau a depender dos objetivos. (MARCUSCHI; 2001, p 80).

À Guisa da Conclusão

Mediante às nove operações aqui levantadas, podemos constatar que vale a pena trabalhar em sala esse processo de retextualização, principalmente, o resumo.

Esta atividade acarreta operações lingüísticas textuais, discursivas. Envolve questões de estratégia operacionais na passagem de um gênero ao outro, do tipo: redução – que recurso utilizar para adaptar o tema de texto-base no que se refere à extensão textual?; transformação – como manter a essência do texto-base para não descaracterizar a reprodução, a ordem do gênero resumo?

Vimos até aqui que cada operação apresenta na passagem para formar o resumo requer atenção para o pronto cognitivo, até porque há diminuição do texto em volume e em extensão; há mudança de estilo do gênero e do jogo do dizer de quem retextualiza; há alteração de registro, conforme consta na discussão feita nas nove operações da passagem.

A retextualização é relevante, pois apresenta perspectivas diversas para o contexto de ensino, uma vez que o método permite avaliar o grau de consciência lingüística do aluno no que diz respeito ao domínio de produção e compreensão de texto; aos conhecimentos do gênero textual – *o que é e como se faz?* ; permite avaliar o domínio de escrita, o domínio discursivo e as ações situadas no texto. Em se tratando de resumo, temos uma passagem sistemática da esfera escolar, que requer uma atividade de cognição bastante acentuada, por possibilitar na sala de aula o esclarecimento acerca do uso da língua e suas implicações.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. 1997. **A Estética de Criação Verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. 2001. **Da Fala para Escrita: Atividades de Retextualização**. São Paulo: Cortez.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. 2003, Oralidade Ensino de Língua: uma questão pouco “falada”. In: **O livro Didático de Português**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna Dionísio, Ângela Paiva. Et BEZERRA, Ma. Auxiliadora.(org).
- _____. 2003. Compreensão de Texto: algumas reflexões. In: PLATÃO et FIORIN. 1994. **Para entender o texto: leitura e redação** 15. ed. São Paulo: Atica.
- LIMA, José Edinaldo (2001). **A Profissão Contábil diante da Lei de Responsabilidade Fiscal**. Revista do Iesp, João Pessoa. V2, nº 1 p.41-50.

